

LUÍS SANTIAGO BAPTISTA
MARGARIDA VENTOSA

O equipo4d de Samuel Torres de Carvalho e Pedro Palmero Cabezas tem desenvolvido um trabalho amplo, que agrega indissociavelmente as temáticas do urbanismo e da arquitectura. A sua participação continuada nos concursos European revela um interesse pelas questões da cidade contemporânea que se manifesta em toda a sua produção arquitectónica. De facto, em todos os projectos do equipo4d encontramos uma vontade de exponenciação da dimensão pública da intervenção arquitectónica. Isto revela-se tanto através de um trabalho criativo sobre o programa, potenciando a sua vertente colectiva, como através de uma atenção crescente às qualidades sensoriais do espaço arquitectónico.



Atelier equipo4d Madrid



Atelier equipo4d Lisboa



Concurso Europeu European VI, Quinta do Almaraz, Almada, Lisboa, 2001- (1º Prémio)

arqla: Apesar das vossas diferentes nacionalidades, o vosso percurso formativo passa essencialmente por Espanha. De que forma foram marcados pela experiência formativa em Madrid?

e4d: A ETSAM (Escola Técnica Superior de Arquitectura de Madrid) foi, e ainda é hoje extremamente importante para nós. Nos anos 80, quando ainda éramos estudantes, vivemos momentos muito estimulantes em todos os sentidos. O Generalíssimo Franco tinha morrido há muito pouco tempo, em 1975, e em 1982 o partido socialista (PSOE) ganha as eleições com maioria absoluta sendo Felipe González investido Primeiro-ministro. Nesta altura o Almodóvar cantava numa banda com o Macnamara no Rockola e pouco tempo depois roda o filme “Pepi Luci Bom y Otras Chicas del Montón”, eram os anos da “Movida Madrileña”. Por outro lado na ETSAM leccionavam mestres como Sáenz de Oiza, Rafael Moneo, Javier Carvajal, Juan Navarro Baldeweg, Manuel de las Casas e muitos outros professores que ainda hoje leccionam e são agora Professores Titulares ou Catedráticos. A ETSAM tinha e mantém hoje um corpo docente extraordinário, muito eclético na sua abordagem docente e arquitectónica o que desde o ponto de vista da formação é magnífico.

arqla: Apesar da centralidade do contexto madrilenho, cidade onde ambos leccionam, o vosso atelier foi adoptando uma estrutura bicéfala com sucursais em Lisboa e Madrid, tendo-se ainda falado de uma outra na Gran Canária. Como funciona operativamente a equipos4d?

e4d: Em determinado momento surgiu a oportunidade de fazer projectos fora de Madrid, a uma distância pouco razoável para ir e voltar de automóvel no mesmo dia. No caso concreto de Portugal apercebemo-nos que os processos de projecto, licenciamento, etc., eram muito diferentes do que estávamos habituados, muito mais burocratizados. Por outro lado a proximidade ao sítio, ao lugar concreto do projecto, para nós é essencial. O ideal seria montar um atelier em cima do próprio sítio, em todos e cada um deles, o que não é possível. Ter atelier em Lisboa permitiu-nos criar outras oportunidades e dá-nos uma maior proximidade aos projectos o que para nós é essencial.

arqla: Em termos gerais, a vossa arquitectura inicial parece ser fortemente influenciada pela arquitectura moderna espanhola, com

a sua particular interpretação da racionalidade dos países mediterrânicos do sul. Esses primeiros projectos revelam volumes secos e fundados e uma repetição de elementos e ritmos. Sentem-se descendentes dessa tradição moderna espanhola?

e4d: Sem dúvida! Repare: nós tivemos a oportunidade de conhecer pessoalmente o Don Alejandro de La Sota, um Mestre de Mestres, um Arquitecto cujas qualidades como ser humano, estão subjacentes na sua própria obra. Foi um arquitecto sempre fiel à modernidade, aos seus princípios, muito para além da moda que imperava. Um homem que amava aquilo que fazia, que se divertia imenso a fazer arquitectura, e que nunca perdeu a capacidade de se surpreender com as coisas.

arqla: Por outro lado, o vosso percurso profissional está fortemente marcado pelo programa European, no qual tiveram diversos prémios em várias edições. O que vos motivou a participar no concurso European? Tendo em conta a dimensão europeia do European, porque cingiram as vossas propostas à Península Ibérica?

e4d: O que diferenciava o European de outros concursos era o tipo de desafio: não se tratava, normalmente, de projectar um edifício concreto, de dar uma resposta a um problema específico com um programa determinado e bem definido. Tratava-se de dar respostas a sítios complexos em relação aos quais se percebia que os municípios tinham grandes dúvidas em como os resolver. Essa indefinição permitia uma abordagem mais estratégica, mais ideológica. A complexidade do problema e a liberdade de abordagem dava lugar a respostas muito diferentes e para além do resultado. Ver as diferentes propostas e debatê-las era interessantíssimo. Porquê a Península Ibérica? Bom, em primeiro lugar estudávamos os diferentes sítios propostos a concurso, nos diferentes Países e identificávamos aqueles cujo desafio mais nos interessava. Depois, logicamente, hierarquizávamo-los por proximidade. Foi assim que os escolhemos.

arqla: Sendo o European um programa de dimensão urbanística, a vossa participação continuada permite-vos realizar uma reflexão alargada sobre a cidade contemporânea. Como definiriam a vossa abordagem à condição urbana contemporânea?



Vivienda unifamiliar em Aravaca, Madrid, 2002-2003 (Prémio COAM 2006)

e4d: A cidade nasce como uma vontade de um grupo de pessoas que querem viver perto umas das outras, com as vantagens e os benefícios desse facto. Estas vantagens e benefícios criaram uma atracção e uma dependência tal que as cidades cresceram desmesuradamente (e continuam a crescer). Se no início, aquele primeiro grupo de pessoas se reconhecia na cidade, se revia na cidade, vivia numa cidade abarcável, percorrível, hoje sucede o contrário. Das primeiras cidades organizadas de forma “natural” na sua disposição organizativa em função de questões de defesa ou de aproveitamento dos recursos naturais, adaptação à topografia etc, onde no fundo as pessoas construíam o seu *habitat* ali, onde lhes era mais conveniente, passou-se à cidade desenhada. Desenhada pelo poder que sabia e decidia como essas pessoas iriam viver: Haussmann, Marquês de Pombal, Juscelino Kubitschek etc... A forte atracção das cidades, fruto das supostas vantagens, foi tal que todos os planos foram insuficientes e as cidades cresceram de forma descontrolada. Lisboa é um caso paradigmático. Se a isso somarmos que o poder foi dividido e a nível local foram realizadas operações de desenho urbano que deram suporte a esse crescimento, desenhos urbanos esses, muitas vezes, de péssima qualidade. O resultado é aquele a que hoje assistimos: cidades retalhadas, desconexas, onde quem lá vive não se revê nem se reconhece e onde não vive porque quer, mas onde vive porque não tem outra alternativa. Passamos então, da cidade das vantagens à cidade das desvantagens. Da cidade onde me apetece viver à cidade onde não tenho outra hipótese senão viver. E observamos como ao fim de semana, se formam largas filas de automóveis, os aeroportos e estações de caminho de ferro se enchem daquelas pessoas que antes queriam viver juntas e agora querem estar longe uma das outras, querem escapar das cidades onde habitam mas não “vivem”. Achamos que

esta é a reflexão fundamental que devemos fazer sobre a cidade: Como recuperar as vantagens, como fazer com que as pessoas sintam cidade onde vivem como um lugar próprio, agradável para viver e feita à medida das suas necessidades.

arqla: Normalmente, o European propõe intervenções em áreas periféricas indefinidas ou descaracterizadas. Qual o vosso entendimento da ideia de periferia? Que estratégias urbanas e arquitectónicas podem enfrentar essa condição urbana periférica?

e4d: Centro e periferia. Esse é um tema muito interessante. Falar do centro e periferia não é só falar do que está longe e do que está perto e a questão talvez seja precisamente essa. Voltando à primeira cidade, à cidade percorrível, abarcável, essa questão evidentemente não se colocava. Se por um lado os veículos de tracção motora permitiram aumentar a distância percorrível e favorecer o crescimento, supostamente minimizando a perda de proximidade, a cidade deixou de ser abarcável, a cidade deixou de estar feita à medida do homem, ficou dependente dos engenhos mecânicos. Muito se falou também da pluricentralidade e foram surgindo efectivamente novos centros, fundamentalmente através da dispersão de equipamentos, e portanto a cidade de hoje deve ser entendida como um somatório de “cidades” dentro da cidade com limites difusos. Essas “cidades” terão necessariamente que minimizar as dependências de umas das outras, ser abarcáveis, percorríveis e lugares de eleição para viver. No caso de Portugal não fazem provavelmente sentido nenhum os actuais limites das juntas de freguesias nem as dos próprios municípios, estes terão de ser repensados em função das características espaciais e sociais. Sobre tudo em função de novos objectivos, utilizando novos modelos de gestão urbana. A cidade de Lisboa e a sua área metropolitana não tem nada a ver com aquela de 50 anos e portanto como é que é possível, que o modelo administrativo e de gestão continue a ser o mesmo? Este terá necessariamente que ser revisto, terá que ser muito mais executivo do que é hoje para poder ser eficaz. Só assim se conseguiram evitar situações de desintegração como as de Clichy-sous-bois em França ou aqueles mais próximos da quinta da fonte em Loures reflexo directo da cidade das desvantagens que fomos criando.

arqla: Existe habitualmente uma grande dificuldade em articular positivamente as escalas do plano e do projecto. Como entendem a relação entre o planeamento urbanístico e a proposta arquitectónica? Para nós não existe distinção entre o plano urbanístico e o projecto de arquitectura de um edifício.

e4d: Estamos a falar de criar espaço, não é? Espaços que reúnam as melhores condições para que se desenvolva uma determinada actividade. No caso do projecto urbano a escala do problema é maior mas não é diferente. Os espaços são de maior dimensão, são espaços vazios, mas no entanto são também espaços para serem vividos, habitados, por pessoas. Na questão do espaço vazio: a praça, a rua, o beco, a avenida, a questão passa por definir exactamente o que pretendemos

A forte atracção das cidades, fruto das supostas vantagens, foi tal que todos os planos foram insuficientes e as cidades cresceram de forma descontrolada. (...) O resultado é aquele a que hoje assistimos: cidades retalhadas, desconexas, onde quem lá vive não se revê nem se reconhece e onde não vive porque quer, mas onde vive porque não tem outra alternativa. Passamos então, da cidade das vantagens à cidade das desvantagens. Da cidade onde me apetece viver à cidade onde não tenho outra hipótese senão viver.

que ali aconteça, de criarmos as condições para que um determinado acontecimento possa suceder de uma forma natural e não imposta. Costumamos usar o exemplo do campo de ténis, para ilustrar como o mau dimensionamento dos espaços pode impedir definitivamente que se desenvolva neles uma determinada actividade: por muito que a um campo de ténis lhe apontemos o dedo e que o tentemos convencer ou convencer-nos que ele é um campo de futebol, isso não o transforma num campo de futebol e nele nunca se poderá jogar um jogo da liga. Os urbanistas e os políticos fartam-se de fazer isso com as cidades.

arq|a: Grande parte da vossa obra está directamente relacionada com programas de habitação colectiva. Tendo normalmente fortes condicionantes urbanísticas e orçamentais, os vossos projectos habitacionais não deixam de investir numa defesa do espaço público, através tanto da definição de pátios interiores realizados a partir da disposição dos volumes construídos, por exemplo no Parque

das Nações e Cerro Milano, como da criação de vazios na própria construção, por exemplo nas 23 Habitações em Avilés e no projecto da Avenida dos Combatentes. Existe uma dimensão eminentemente pública nos vossos projectos de habitação colectiva?

e4d: Sim, está muito bem observado. Há sem dúvida uma preocupação pública em todos os nossos projectos. Essa dimensão pública traduz-se por um lado no esforço de usar os menores recursos possíveis para a construção e por outro, em tentar diluir o limite entre o espaço público e o espaço privado criando sempre que possível vazios, lugares indefinidos entre o “fora” e “dentro” porque entendemos que é nesses territórios neutros que de uma forma mais descontraída as pessoas podem encontrar-se.

arq|a: Por outro lado, parece existir em alguns projectos habitacionais uma vontade de contrariar a secura e austeridade normalmente associada à habitação social, muito evidente por exemplo no projecto



FOTO: FG+SG – Fotografia de Arquitectura/ ultimasreportagens.com

Incubadora de Empresas Madan Parque, Campus Caparica, Almada, 2005-2009

Essa dimensão pública traduz-se por um lado no esforço de usar os menores recursos possíveis para a construção e por outro, em tentar diluir o limite entre o espaço público e o espaço privado criando sempre que possível vazios, lugares indefinidos entre o “fora” e “dentro” porque entendemos que é nesses territórios neutros que de uma forma mais descontraída as pessoas se podem encontrar.

de Avilés. Existe aqui a tentativa de conferir ao objecto uma dimensão mais abertamente lúdica?

e4d: Em Espanha os melhores arquitectos fizeram sempre muitas obras de habitação social/ pública. Obras emblemáticas cujos conceitos foram posteriormente aplicados em obras de promoção privada. O projecto de habitação social é um tema recorrente nas escolas de arquitectura em Espanha. São projectos onde o rigor na organização espacial, o quociente entre a área bruta e a área útil e a busca da melhor habitabilidade possível são questões para nós sempre presentes. Não entendemos a habitação social como um projecto menor, seco, mas sim como uma oportunidade de investigação. No caso de Avilés tínhamos um orçamento de cerca de 550€/m² e um prazo de execução de 8 meses para a obra e 2 meses e meio para o projecto. A nossa resposta que se traduz no edifício construído, partiu da repetição levada ao extremo: estrutura pré-fabricada metálica, fachada pré-fabricada em betão, 2 tipos de vãos, um para espaços habitáveis, outro para os tratamentos de roupa. A disposição aparentemente aleatória das fenestraçãoes teve como objectivo dotar a cada uma das habitações características próprias favorecendo uma diferente ocupação do espaço em cada uma delas.

arqla: Apesar desse investimento na habitação colectiva, a vossa obra abrange uma série de tipologias diferenciadas, incluindo equipamentos e edifícios de escritórios. Tendo em conta essa diversidade tipológica, como definiriam a vossa abordagem ao programa?

e4d: Para nós o que é fundamental é entender o que é o programa, não tanto como é ou qual é o programa. O essencial não é, como dizia Louis Kahn, “Como é uma casa, mas sim, o que é uma casa”. O que é hoje um edifício de escritórios ou uma casa é algo completamente diferente

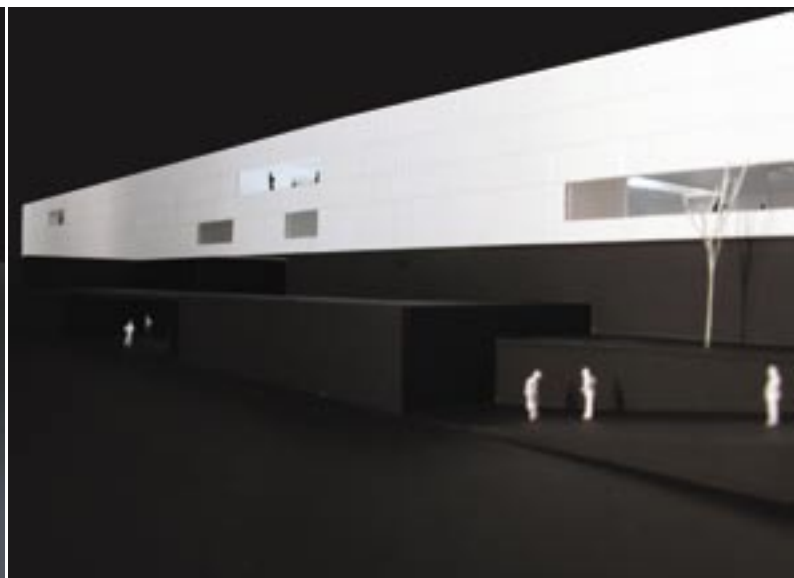
do que era há 50 anos atrás e essa é que é a questão. Portanto o que procuramos descobrir, quando lemos um programa, são as relações entre as pessoas, a forma como elas interagirão nesses espaços, para assim poder criar as condições que irão favorecer uma determinada actividade e que permitirão que essa actividade se desenvolva da forma mais natural possível, onde cada coisa ocupe o seu lugar preciso de uma forma intuitiva.

arqla: Como é que os vossos projectos se relacionam com o contexto de intervenção?

e4d: O contexto é na arquitectura de hoje um lugar vasto que de uma forma quase inevitável transcende o próprio lugar. A arquitectura de hoje exporta-se como um produto alheio aos lugares e encontra o seu espaço nesse contexto mais amplo. Para nós a arquitectura é inseparável do sítio, das suas condições físicas das suas pessoas e é inevitável entender esse diálogo. Quase sempre encontramos as respostas para o projecto no local.

arqla: No caso dos edifícios de escritórios, principalmente no Oeiras Parque e Madan Parque, parece existir uma tentativa de conciliar um programa genérico com uma formalização específica. Por exemplo, no Madan Parque, apesar de uma mesma concepção espacial não existem dois espaços de escritórios iguais. Existe nestes projectos um equilíbrio entre lógicas programáticas de repetição e estratégias projectuais de diferenciação?

e4d: Efectivamente. Acreditamos profundamente que a diferenciação, mestiçagem é um valor da condição humana. E a necessidade de descoberta e da surpresa, outro dos valores do homem. A arquitectura não deve ser diferente. No Madan Parque a repetição é entendida como



Estudo Prévio de Arquitectura dos Edifícios do Pólo Tecnológico do Aeroespacial e da Defesa, Campus Caparica, Almada, 2007 (2º Prémio)

sistemática e está subjacente ao processo construtivo, mas este “sistema” tem também subjacente a regra de diferenciação dos espaços. A ideia é que a cada um dos espaços tenha uma personalidade própria, um mundo especial, autónomo, mas ao mesmo tempo participe de todos os outros, assim como da visão distante do exterior.

arq|a: Nas vossas estratégias de formalização existe um grande investimento no tratamento da superfície. Isto parece evidente em projectos como Instituto Ciências Biológicas, o Hotel Julian Camarillo, o Parque Industrial de Cadiz e o Parque Madan. Qual é a vossa compreensão do papel da superfície na arquitectura?

e4d: A envolvente exterior é o limite entre o espaço exterior, e o vão é uma abertura que nos permite contemplar o mundo, e é através deste que o mundo nos vê a nós. O tratamento da superfície nos nossos projectos obedece a esta lei. No caso da biblioteca de Alicante por exemplo face à biblioteca entendida como um espaço rodeado de livros, de introspecção com luz zenital, projectámos uma biblioteca “montra” com uma superfície vítrea de 100m por 10 situada a 6 m de altura para 8 mil leitores, de tal forma que todos pudessem visualizar a paisagem distante e o campus, e onde pudessem ser vistos. À noite a biblioteca é uma enorme lâmpada que ilumina todo o campus e no Verão, nos relvados á frente dela os estudantes concentram-se a conversar em grupos, à luz da biblioteca. A envolvente como uma membrana que pode ter mais funções do que aquelas puramente formais é um conceito com enorme potencial e que sempre considerámos.

arq|a: Em alguns destes casos, existe mesmo uma tradução superficial da natureza na arquitectura. O que procuram com estas



FOTO: equipo4d

Hotel em Julian Camarillo, Madrid, 2001-2006

estratégias projectuais de representação analógica?

e4d: Imagino que está a falar do projecto hotel/edifício de escritórios na Rua Julian Camarillo em Madrid. Aqui a questão é exactamente a mesma e acabou por se traduzir na impressão dos troncos de bétula na superfície envidraçada. A intenção foi a de criar uma profundidade entre o interior e o exterior. A envolvente está povoada por uma série de edifícios industriais de pouca qualidade e actualmente a sofrer grandes transformações. O lote era profundo e na proposta do plano de pormenor apresentava um volume paralelo à Rua Julian Camarillo,



Concurso do Novo Edifício Central dos Serviços da Câmara Municipal de Loures, 2007- (1º Prémio)



Hotel na Plaza del Carmen, Madrid, 2008-

para hotel e outro a tardo para escritórios com um pátio central. Propusemos uma alteração do plano, de forma a criar um único edifício contínuo em forma U que libertasse espaço público para a cidade e oferecesse condições de permanência e estadia associadas ao uso dos pisos térreos. A impressão dos troncos de bétula ao confundirem-se nos planos paralelos e perpendiculares do edifício criaram uma profundidade tal que parece estarmos no meio de um bosque de bétulas. Um efeito surpreendente que dilui a percepção da paisagem caótica e descaracterizada da envolvente.

arq|a: Utilizam diversos instrumentos no desenrolar do projecto: desenhos, maquetas, renderings, etc. Como se desenvolve o vosso processo criativo?

e4d: Cada projecto faz parte de uma aventura e não é uma coisa que se possa sistematizar. Não é fácil imaginar ou recordar um espaço que conhecemos, que existe. Evidentemente maior é a dificuldade de imaginar e ser capaz de visualizar os elementos de um espaço que não existe. Os desenhos, as maquetas, os renders, as “desenhetas” (mistura entre desenhos e maquetas) são os instrumentos que nos ajudam a visualizar esses lugares. Cada projecto surge de forma diferente mas o processo passa quase sempre por abordar a questão, desde ângulos completamente diversos e é através desses olhares diferentes é que acabam por surgir os objectivos essenciais do projecto, objectivos estes irrenunciáveis, que acabam por permanecer até ao fim.

arq|a: Perante a globalização do fenómeno da arquitectura, qual o vosso entendimento do papel do arquitecto na contemporaneidade?

e4d: Um dos factores que caracteriza o homem contemporâneo (ocidental) é a velocidade. Tudo acontece muito depressa, tudo se consome e digere rápido e o resultado traduz-se nos desajustes sociais e económicos que hoje vivemos. O arquitecto como qualquer outro profissional participa também desta situação. É necessário refundar uma série de princípios de comportamento ético e de responsabilização de todos e de cada um de nós. Em Portugal a desresponsabilização é um factor latente: basta ver nos processos de licenciamento a quantidade de opiniões e pareceres disléxicos a que um projecto está sujeito e que não se traduzem num melhor resultado. Vivemos actualmente uma pequena catástrofe, devido a um cúmulo de actuações irresponsáveis de uns poucos. Vivemos uma situação de crise mundial que nos afecta a todos, talvez seja a melhor oportunidade para olharmos para nós próprios, e à nossa volta, reflectindo sobre as nossas responsabilidades e o contributo que à nossa escala podemos dar para que as coisas melhorem. O perigo da actual situação é que queiramos estabelecer ainda mais mecanismos de controlo. A questão a colocar não é essa, mas sim uma moralização social e uma maior responsabilização que passa por uma visão mais humanista da sociedade. Caberá aos dirigentes nas suas diferentes escalas o papel de transmitir esta sensação e no seu âmbito aos arquitectos também. Todos somos cúmplices do estado das coisas. ■



Polidesportivo em Mostoles, Madrid, 2007- (1º Prémio)